

TECENDO LINHAS DE FUGA EDUCACIONAIS NA COVID-19 A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA SO-CIO-POE-A- FE-TA-DA

BUILDING LINES OF EDUCATIONAL SCAPE IN TIMES OF COVID-19 FROM A “SO-CIO- POE-A-FE-TA-DA” EXPERIENCE

José Gomes da Silva Filho **1**
Marlia Ferreira Ribeiro **2**
Shara Jane Holanda Costa Adad **3**

Resumo: Tecer conexões educativas partindo de experiências progressas se fazem pertinentes no contexto pandêmico vivido. Objetivou refletir, a partir de um relato fruto da vivência da disciplina de Sociologia da Educação, quais contribuições positivas identificadas levaram a pensar sobre aspectos formativos do pedagogo em meio ao cenário pandêmico. Como percurso metodológico foi realizada uma análise da experiência vivenciada. Observou-se que os conceitos de experiência e Educação Menor podem ser diferenciais na formação e atuação docente. A disciplina levou os autores a pensar como a educação remota pode ser potencializada pela Sociopoética, tornando-a potência de enfrentamento na tentativa de amordaçamento da Educação Superior pública.

Palavras-chave: Disciplina. Sociologia. Covid-19. Universidade Pública. Resistência.

Abstract: It is pertinent in the experienced pandemic context to build educational connections from previous experiences. With the objective of reflecting, using a report coming from the experiences in the Sociology of Education subject, which were the positive contributions that lead to thinking about the pedagogue constructive aspects in a pandemic scenario. The methodological course used was the analyses of real experiences. It was observed that the concept of experiences and Minor Education are relevant in the construction and performance of the teacher. The subject prompted the authors to think how Sociopoetics can enhance the remote education making it a potency in the fight against the attempt to shackle the public Superior Education.

Keywords: Subject. Sociology. Covid-19. Public Collage. Resistance.

Especialista em Docência e Gestão do Ensino Superior pela
Universidade Estácio de Sá. Aluno do curso de Pedagogia da Universidade
Federal do Piauí. **1**
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0064983280741215>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6676-4113>.
E-mail: josegomesfilho@ufpi.edu.br

Especialista em Agronegócios. Aluna do curso de Pedagogia da
Universidade Federal do Piauí. **2**
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8265404833046371>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3330-5236>.
E-mail: ferreiraribeiro.marlia@gmail.com

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Professora
Associada da Universidade Federal do Piauí. **3**
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4157886242670479>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7711-6325>.
E-mail: shara_pi@hotmail.com

Introdução

O Ensino Superior brasileiro foi gestado num momento de urbanização e ascensão econômica nacional, entre os anos 1960 e 1970, no qual se exigia uma formação tecnicista para atender as demandas de produção. Paralelamente, o Ensino Secundário também ganhava expressividade, acabando por ultrapassar o Ensino Superior, logrando na elitização do acesso a este último nível educacional. Neste ínterim, a rede privada começa a ganhar maior espaço na “oferta” educacional em comparação a pública (SALATA, 2018).

A educação brasileira, sendo estruturada numa ótica mercantilista, cuja justificativa passa pelo discurso de qualidade, promove uma formação profissional tecnicista e imediatista, resultando em defasagem salarial e mão de obra com pouco conteúdo intelectual (AGAPITO, 2016).

Dados atuais apresentam a persistência de defasagem do Ensino Superior público frente ao privado. No período compreendido entre os anos de 2008 a 2018, as matrículas no Ensino Superior ascenderam 4,6%, sendo que a média anual foi de 3,8%; em comparação a 2017, a variação foi de 1,9%. Nesse cenário, as Instituições de Ensino Superior, da rede privada, têm participação de 75,4%, o equivalente a 6.373.274, no total de matrículas, ao passo que a rede pública conta com 24,6%, totalizando 2.077.481 das matrículas (INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA, 2019).

O cenário ao qual o Brasil passava de rural para urbano e industrializado levou à regulamentação da atividade docente. Isso promove o entendimento de que as licenciaturas decorreram de exigências para regulamentação da profissão docente, não da formatação de um curso direcionado para formá-los. Isso foi possível apenas a partir dos anos de 1968 com a Lei nº 5540/68 quando houve, de fato, a criação dos cursos de licenciatura (SANTOS; MORORÓ, 2019).

Nesse momento, teóricos como Fernando de Azevedo e Lourenço Filho colaboraram quando se discutia a respeito dos conteúdos importantes para a formação do professor. Dentre os conteúdos, a Sociologia foi destacada, juntamente com a Psicologia, Filosofia e História da Educação, essas contemplaram o que *a posteriori* foi denominado de Fundamentos da Educação (DAROS, 2016).

A Sociologia, enquanto campo de pesquisa, iniciou estudando os próprios sujeitos escolares no que tange aos aspectos de poder, resultantes da relação professor e aluno. Com a inserção da disciplina de Sociologia da Educação na formação docente, novas perspectivas passaram a ser abordadas, principalmente aquelas que valorizavam as próprias experiências vividas pelos formandos, o que, em tese, tornaria sua formação mais significativa (GOHN, 2012).

Ademais, no Ensino Superior, a disciplina de Fundamentos Sociológicos da Educação, favoreceu a formação de um professor que passou a pensar a sociedade, a partir de uma Pedagogia atuante e ativa, contribuindo na mescla de sua formação acadêmica com a prática do ensino em si (SOARES; SANTOS, 2018).

Posto isso, este artigo decorre da vivência dos autores na disciplina de Sociologia da Educação II, ofertada no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí, no ano de 2019. Fundamenta-se por apresentar como tal disciplina é indispensável para formação no âmbito das licenciaturas, uma vez que promove e incentiva a constituição de um professor questionador e sensível, capacitando-o para o bom acolhimento de seus alunos, bem como na percepção de que o espaço da sala de aula pode ser um espaço potente e transformador.

Apoiando-se nos conceitos de experiência (Bondía, 2002) e Educação Menor, deslocamento feito por Gallo (2008) para pensar a educação a partir de Deleuze, o artigo objetivou tecer reflexões a partir de um relato de experiência oriundo da participação dos autores na disciplina supracitada, buscando enfatizar as contribuições positivas da disciplina que os levaram a pensar sobre determinados aspectos na formação do pedagogo em meio ao cenário pandêmico no qual estamos passando. Para tanto, inicialmente apresentou-se o relato e, em seguida, suas ramificações decorrentes dos deslocamentos observados.

Sociologizando por veredas educacionais afetivas

A disciplina de Sociologia da Educação II foi cursada pelos autores no segundo período de 2019. É importante destacar que o Projeto Político e Pedagógico do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí passou por atualizações no ano de 2019, no entanto, a disciplina não

foi impactada, permanecendo com o mesmo nome e sendo ofertada no segundo período do curso.

A docente facilitadora Shara Jane Holanda Costa Adad, que é cientista social de formação e doutora em educação, pensou a disciplina objetivando promover aos licenciandos uma aproximação com diversas abordagens teóricas contemporâneas no campo da Sociologia da Educação: (Bondía, 2002); Bourdieu por (Nogueira; Nogueira, 2009), Deleuze por (Gallo, 2008), entre outros, assim como incentivar um processo iniciático de pesquisa no campo formativo docente frente a temas transversais, especialmente aqueles decorrentes da interseccionalidade entre a escola e a diversidade educacional e cultural, partindo das memórias e da própria experiência pregressa dos alunos (ADAD, 2019).

Os discentes foram convidados, inicialmente, a re-aceessarem memórias de quando estudantes no ensino básico, fundamental e médio, através de práticas pedagógicas lúdicas. Posteriormente, foram divididos em grupos, com o intuito de observarem as lembranças, e, a partir delas, escolher um tema-gerador dentro da abordagem da transversalidade para orientarem suas leituras, estudos, pesquisas e processos de criação de tal modo que, durante a disciplina, por intermédio da interconexão entre experiências anteriores e novas, os/as discentes fossem se alimentando das experimentações sensíveis e criativas, construindo saberes e não-saberes sobre o tema escolhido por cada grupo.

Além disso, os discentes foram convocados a produzir uma caixa de afecções, uma caixa física, que pôde comportar os mais variados objetos, escritos e fotos, que faziam lembrar momentos vividos. A proposta com a produção deste dispositivo era a de que as experiências e as afecções vividas pudessem compor o componente curricular como um desdobrar de percursos, de encontros numa encruzilhada de (des)aprendizados. Um estar também à deriva para os múltiplos acontecimentos, sendo a Caixa possível de entrar nos lugares e tempos da matéria, esvaziada momentaneamente, desfeita e refeita conforme os afetos mobilizados nos processos educativos. Uma caixa de afecções, portanto, como um dispositivo poético para a produção dos diários cartográficos e outras composições produzidas durante as aulas inspiradas pelos conteúdos dispostos “heteróclitamente” no seu interior. Uma caixa de e para a invenção.

Nesta direção, os discentes foram orientados a inventar sua caixa tendo em vista as seguintes funções: favorecer uma apropriação sobre a própria produção, a partir do lugar de pertença, em seus mais variados aspectos e sutilezas; interrogar as experiências e o entendimento que os objetos/diários e/ou corpos “embaralhados” no interior da caixa seriam desafios ao pensamento a abrir outras conexões para o vivido, favorecendo a produção de deslocamentos, dando passagens aos afetos em torno dos seus problemas de investigação acerca do tema-gerador e/ou conectando-a a inúmeros outros sentidos provocados no grupo. Um movimento de (des)ver certos aspectos das experiências com as leituras, as vivências, os temas e/ou questões propostas pela docente e pelos discentes a provocar novos contornos; (trans)ver o vivido e (re)contextualizar a experiência (NOBRE, 2015).

O tema-gerador escolhido pelos autores foi: metodologias inventivas ou artefatos didáticos para pensar o gênero na educação para além da violência. E, entre os grupos, foram sorteados teóricos que iriam sustentar as discussões por eles mediadas em forma de seminário, e um trabalho de campo, como fechamento da disciplina. Diante disso, o teórico que acompanhou os autores nesse processo foi Pierre Bourdieu, em Nogueira; Nogueira (2009), que colaborou no entendimento da exclusão escolar, por intermédio de sua teoria sobre o capital cultural, capital social e violência simbólica, no entanto, também identificaram-se com as ideias de Deleuze pela ótica de Gallo (2008), no que tange aos conceitos de Educação Maior e Menor e de rizoma, na Educação.

Como indicação de leitura complementar, a docente incentivou a leitura do livro: “Malala, a menina que queria ir para a escola”, de Carranca (2015): menina da região do vale do Swat, no Paquistão, cuja sociedade mostra-se rígida para com o acesso dos direitos das mulheres, inclusive o de educação. Ao passo que esse texto era lido, outros teóricos foram acessados, como Santos (2018), notadamente sobre sua teoria de Epistemologia do Sul e o Corazonar que versam, respectivamente, sobre o modo de olhar o social partindo da valorização do conhecimento dos povos do sul do globo e a produção do conhecimento de modo corporizado, nutrido a partir de vivências viscerais com outros. Além do conceito de experiência, em Bondía (2002), enquanto um acontecimento que faz o sujeito em face da vivência de um acontecimento, tremer, vibrar e pensar.

Ademais, de posse do conceito de experiência (Bondía, 2002), da leitura de Carranca (2015) e dos conceitos de Epistemologia do Sul e Corazonar, de Santos (2018), os autores entraram em contato com uma experiência Sociopoética através de uma oficina realizada pela professora (imagem 1 e 2). Esse momento possibilitou que os graduandos mergulhassem em suas experiências escolares pregressas e, ao acessar tal conteúdo, passaram a se olhar mutuamente de forma emotiva. A partir dessa vivência, a turma passou a se reconhecer como um “grupo em emoção”, apesar de terem tido experiências diferenciadas, antes e durante a oficina.

Imagem 1. Oficina de inspiração Sociopoética.



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

Imagem 2. Oficina de inspiração Sociopoética.



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

Com o intuito de criar situações-problema que possibilitassem os/as discentes iniciarem-se na pesquisa e analisarem a realidade educacional no mundo contemporâneo, o resultado final do percurso pela disciplina foi a realização de uma oficina, com inspiração Sociopoética, numa escola pública (GAUTHIER; ADAD, 2020), tendo por base as experiências vividas durante todo o semestre (imagem 3). Naquela ocasião, os autores e seu grupo realizaram uma oficina com alunos do ensino médio de uma escola pública de Teresina-PI, objetivando provocá-los a sentir-pensar o gênero em si e no outro, na perspectiva da violência simbólica (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009).

Imagem 3. Oficina de inspiração Sociopoética realizada por nós.



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

Inicialmente, aclarou-se o que aconteceria na oficina, inclusive reiterando a não obrigatoriedade de participarem, caso não quisessem. Usaram-se recursos de relaxamento, exercícios respiratórios e um percurso imaginário para facilitar o fluir das lembranças dos primeiros anos de escola, de como foram tratados e como se portaram com seus colegas. Finalizando, solicitou-se que desenhassem livremente, a partir da experiência. Para encerrar a oficina, foram convidados a sentarem em círculo, com seus desenhos ao centro, e escolhessem um desenho, que não o seu, a fim de tecer reflexões sobre o tema tratado, partindo da ótica do colega. Observou-se que eles sentiram vontade de expor as violências simbólicas que sofreram/sofrem no ambiente escolar e na sociedade.

Ao final da disciplina, as experiências foram apresentadas. Com isto, possibilitou-se contemplar um emaranhado de reflexões, mediante cada uma das vivências dos grupos, inicialmente divididos, de modo que os graduandos pudessem analisar, a distância, o que corriqueiramente permeiam os ambientes escolares, e, a partir disso, compreenderem que uma formação docente e discente deve ser permeada por uma visão integral do ser humano (YUS, 2002).

Articulando ideias

Foi possível, através da vivência proporcionada pela disciplina de Sociologia da Educação II, constituir-se docente-pesquisador em Educação, além de conhecer metodologias sensíveis, como a Cartografia e a Sociopoética, ambas articuladas junto ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em “Gênero, Educação e Cidadania” (NEPEGECI/ UFPI), e empregadas em pesquisas desde trabalhos de conclusão de curso, aos de mestrado e doutorado junto ao programa de pós-graduação em Educação da UFPI, sob orientação da professora Shara Jane, coordenadora do Núcleo.

A Sociopoética é um método de pesquisa que visa novas maneiras de interpretar ou entrever o mundo, valorizando as culturas e identidades marginalizadas socialmente. Equilibra razão e emoção, de forma intuitiva, sensitiva, espiritual e imaginária, conversando dialogicamente com as teorias científicas, levando em conta a responsabilidade ética, noética e política das pessoas que fazem parte de um grupo-pesquisador. A produção de dados e suas leituras analíticas e transversais são feitas através do grupo-pesquisador, que produz coletivamente conhecimento sobre os problemas que os mobilizam acerca de um tema-gerador previamente escolhido, os quais ganham consistência com a produção de conceitos mobilizados pelos afetos (neologismo confeto) (GAUTHIER; ADAD, 2020).

A Sociopoética, ao abarcar a Educação e a Saúde, visa contribuir na constituição de um pesquisador integral, comprometido com a produção do conhecimento por intermédio do engajamento de um grupo, e dos conceitos e afetos por ele produzidos, uma vez que ela compreende o grupo pesquisador como um só cérebro (GAUTHIER, 2015).

Nesse sentido, o espaço pedagógico pode ser equiparado a um texto, uma vez que ele deve ser constantemente escrito, lido e reescrito. Ademais, a consistência dos laços de afeto e cooperação entre professores e alunos tornará a escola um espaço de aprendizagem democrático, e, conseqüentemente, os êxitos poderão ser observados de ambos os sujeitos envolvidos no processo educacional (FREIRE, 1996).

Pensando pela perspectiva freireana, a contribuição da Sociopoética e da Cartografia é salutar na Educação, pois, partindo do pressuposto de que a relação, professor e aluno, deva ser mediada por laços de afetos e recíprocas contribuições e construções, alcançar-se-á uma formação integral tanto de alunos, quanto de docentes. Foi o que se pôde apreender da vivência alhures descrita.

Nesse pensar/existir e produzir sociopoético, a professora da disciplina se enquadra na perspectiva de um educador integral, de que fala Yus (2002), pois, guiada por princípios éticos e integrais, e no prazer de encaminhar seus alunos, através do conhecimento, os levou a reflexões através dos conteúdos cuidadosamente articulados.

A Cartografia, por sua vez, é um método de pesquisa-intervenção que parte da premissa de construir um plano comum, em que esse deve enraizar-se com a experiência significativa, no sentido deleuziano. É necessário compreender que o plano comum perpassa uma reunião de pessoas, objetivando, exclusivamente, vivenciar e discutir teorias previamente catalogadas, visto que nos encontros existe uma forte convergência de forças capaz de redimensionar o trivial, o que seria um constante hibridismo que se cocria a partir dos vieses das interações (KASTRUP; PASSOS, 2013).

Esclarece Kastrup; Passos (2013, p. 265) que “o grupo implicado na pesquisa é mais que um conjunto de pessoas e coisas reunidas, pois, comporta uma dimensão fora-grupo ou dimensão da processualidade do coletivo.” Isso implica diretamente no conhecimento que aquele sujeito participante traz consigo, a partir de suas vivências pregressas; outrossim, essa reflexão pode ser reterritorializada na esfera do ensino, quando se ouve sensivelmente e dar-se crédito ao que o educando expõe na sala de aula. Já se questionava Freire (1996, p.30): “Por que não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?”.

Por outro lado, a interação do homem com os problemas cotidianos ainda exigem um processo de reconhecimento, que por sua vez reflete na sua singularidade. Tendo em vista a necessidade de ancorar-se e dar sentido a todos os acontecimentos no seu entorno, ele recorre ao estático e ao já compreendido, objetivando dar sentido a tais acontecimentos. Hoje, a pretensão não é mais viver esse norte fixo e imutável, e sim romper com o platonismo da ideia ou conceito fixo (KASTRUP; PASSOS, 2013). Não é mais, por exemplo, nutrir uma educação bancária, como alegou Freire (1996), cujo professor era detentor de todo o conhecimento e o aluno apenas um receptor passivo de seu “inquestionável conhecer”, o qual compunha um território inerte e irretocável.

O comum, ao enraizar-se com a experiência, implica refletir sobre um território, e mais, como habitá-lo? Como pensar o pertencer e residir neste espaço? O comum é o lugar de experiência concreta, posto que, dela decorre o sentido do partilhar e pertencer. Nessa dualidade, o corpo apresenta um papel importante, pois, o corpo-matéria pode muito quando sai da reconhecimento. Este, ao retirar-se do pensamento enquadatório e reducionista de tudo, explicar por intermédio de uma redoma fechada, transfigura-se e mescla-se a outros corpos, compondo, enfim, o comum no heterogêneo.

Depreende-se, pelo exposto, que a integralidade na formação de professores é imprescindível, uma vez que favorece sua reflexividade e criticidade tanto no seu fazer pedagógico, como no científico. Isto dá-se quando há a possibilidade desse futuro professor ter contato com metodologias consistentes e sensíveis, como a Sociopoética e a Cartografia, as quais os autores puderam conhecer durante a vivência da disciplina aqui referida, assim como uma formação articulada por um docente que observe seus alunos por uma perspectiva integral.

Por um dever docente sensível

O trágico momento no qual o Mundo ainda passa, impactou vários setores sociais, dentre eles a educação. Medidas foram tomadas como forma de prevenção e mesmo como atenuação dos impactos da Covid-19. À população, foi recomendado que se resguardassem em seus lares, e, somente em casos extremos, quando necessitassem sair, deveriam portar máscaras (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020). De acordo com um noticiário¹, os impactos da Covid-19 levaram a educação a aderir o ensino remoto, porém, com realidades díspares entre repartições públicas e privadas. Se por um lado as instituições de Ensino Superior particulares, de imediato, migraram para o remoto, objetivando não perder capital e o ano letivo, entretanto, essa não foi a mesma realidade das de Ensino Superior públicas, sobremaneira, pela falta de infraestrutura.

É mister pontuar, que, antes da pandemia, as Universidades Públicas já sofriam constantes ataques à sua produção de conhecimento, atingindo diretamente a área das humanas. Além dessa feroz perseguição à sua produção científica, houve a diminuição dos repasses financeiros que as custeiam. Pôde-se perceber que, durante o período da pandemia, as universidades foram destaque junto à opinião pública devido à necessidade de se ter uma produção científica que respaldasse o desenvolvimento de uma nova vacina para o combate da Covid-19. Mas como produzir, se as verbas haviam sido reduzidas? Acrescente-se, ainda, que o término da pandemia não irá, necessariamente, trazer redenção à Universidade Pública e resgatá-la da falta de verbas e costumeiras perseguições ideológicas. Destarte, Boaventura de Sousa Santos, numa entrevista publicada no site de um jornal português², aclara que existe um cenário em que a universidade pública pode se defender, que se faz pensando em uma alternativa de modelo de sociedade e civilização. E, na mesma fala, ele destaca: “se ela não o fizer, será devorada pela vertigem neoliberal que agora se vê fortalecida pela orgia tecnológica de *zoom, streamyard, webex, webinar, etc*” (grifo nosso).

Tal contexto coloca em evidência a fragilidade do trabalho docente, que neste novo cenário tecnológico se torna mero consolidador de cargas didáticas, e, ainda, há outro entrave, a fragilidade no seu processo formativo. Desse modo, urge pensar em linhas de fuga e novas formas de resistência (DELEUZE, 1992). Neste aspecto, a Sociopoética pensada de forma deslocada, uma vez que ela sendo um método de pesquisa e ensino-aprendizagem (GAUTHIER; ADAD, 2020) amplamente utilizada, no ensino presencial, pode inspirar aulas e encontros no ensino remoto, de modo a construir afetos e aprendizagens potentes, pois, “sendo o aprender um acontecimento, ele demanda presença, demanda que o aprendiz nele se coloque por inteiro. E exige relação com o outro [...]” (GALLO, 2012, p. 06). Isso implica dizer, que para um ensino e aprendizado significativo no remoto, é preciso, docentes e discentes, alocados por inteiros nessa vivência, a fim de que o acontecimento educativo ocorra de forma interconexa ou rizomática.

Com isso, a justificativa do vírus não nos furtará de pensar num profissional capaz de ajudar na construção de uma sociedade livre, ao formar cidadãos pensantes, intelectualmente livres e educados para tomar posse de suas vidas, e de construir sua subjetividade. Acerca disso, podemos nos valer do conceito de Educação Menor (GALLO, 2008), como ato de resistência ao que é imposto, usando a sala de aula, agora remota, como local de produção de conhecimento e criação de um futuro além do “vírus controlador”, pois, ao se fazer rizomas de resistência, nesse momento, poder-se-á fazê-los com os nossos futuros alunos, presencial ou remotamente.

Considerações Finais

A partir do relato da vivência da disciplina de Sociologia da Educação II, do curso de Pedagogia da UFPI, foi possível perceber aspectos positivos aos quais a disciplina em questão contribuiu na formação dos autores. Ela contribuiu, sobremaneira, em dois aspectos: na percepção de como o espaço da sala de aula pode ser um local potente de formação e, outra, no que tange aos aspectos críticos e reflexivos que devem permear a profissão docente. Isto foi proporcionado durante o transcurso da disciplina.

Depreende-se, portanto, que a disciplina de Sociologia é de extrema importância na formação

1 Disponibilidade em: <https://www.jota.info/opiniao-e-analise/artigos/os-dilemas-na-implementacao-do-ead-em-universidades-frente-a-covid-19-10042020>. Acesso em: 16 set. 2020.

2 Disponibilidade em: <https://outraspalavras.net/alemdamercadoria/boaventura-a-universidade-pos-pandemica/>. Acesso em: 16 set. 2020.

de professores, pelo fato dela alargar o modo de se enxergar o fazer pedagógico. E, por possibilitar compreender, ainda, que o espaço da sala de aula deve ser um espaço plástico, de escuta e diálogo, realmente sensíveis. Um local, enfim, de valorização integral do ser humano em aprendizado.

À guisa de conclusão, pôde-se pontuar, outrossim, que tais reflexões interpenetram-se ao contexto no qual estamos passando por conta da Covid-19, de como uma formação e atuação docentes, sensíveis e críticas, podem nos sustentar ao atravessamento desse período em que a universidade pública, e, por extensão, a educação pública, são alvos de retaliações administrativas governamentais. É preciso adentrar veredas de resistência!

Referências

ADAD, Shara Jane Holanda Costa. **Plano de ensino** [recurso impresso]. Teresina, 2019. 3 p.

AGAPITO, Ana Paula Ferreira. Ensino superior no Brasil: expansão e mercantilização na contemporaneidade. **Temporalis**, Londrina, v. 16, n. 32, p. 123-140, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/14064>. Acesso em: 16 set. 2020.

BONDÍA, Jorge Larossa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em: 16 set. 2020.

CARRANCA, Adriana. **Malala, a menina que queria ir para a escola**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2015.

DAROS, Maria das Dores. A sociologia na constituição do campo educacional brasileiro e a pesquisa em sociologia da educação. **11ª Reunião científica regional da ANPED SUL**. Curitiba, 2016. Disponível em: <http://www.anpedsul2016.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/11/Eixo-20-Sociologia-da-Educa%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 07 set. 2020.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALLO, Sívio. **Deleuze & a educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GALLO, Sívio. As múltiplas dimensões do aprender. In: Congresso de educação básica: aprendizagem e currículo, 2012, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, 2012. Disponível em: http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/13_02_2012_10.54.50.a0ac3b8a140676ef8ae0dbf32e662762.pdf. Acesso em: 28 agos. 2020.

GAUTHIER, Jacques. Sociopoética e formação do pesquisador integral. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, Salvador, v. 4, n. 1, p. 78-86, 2015. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/459>. Acesso em: 22 agos. 2020.

GAUTHIER, Jacques; ADAD, Shara Jane Holanda Costa. A sociopoética como abordagem de pesquisa e ensino decolonial, contracolonial e libertadora. **Educazione Aperta**, n. 7, p. 262-285, 2020. Disponível em: <http://educazioneaperta.it/archives/2861>. Acesso em: 27 agos. 2020.

GOHN, Maria Glória. Sociologia da Educação: campo de conhecimento e novas temáticas. **Educação & Linguagem**, São Paulo, v. 15, n. 26, p. 95-117, 2012. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/view/3376>. Acesso em: 16 set. 2020.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Censo da**

educação superior 2018: notas estatísticas. Brasília: INEP/MEC, 2019. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/censo-da-educacao-superior>. Acesso em: 16 set. 2020.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. **Fractal, Revista de Psicologia**, Niterói, v. 25, n. 2, p. 263-280, maio/ago. 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-02922013000200004&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 16 set. 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19:** recomendações gerais, 2020. Disponível em: http://renastonline.ensp.fiocruz.br/sites/default/files/arquivos/recursos/cartilha_recomendacoes_gerais_06_04.pdf.pdf. Acesso em: 27 agos. 2020.

NOBRE, Fabiana. **Portfólio do curso de bacharelado em saúde coletiva:** caixa de afecções, 2015. Disponível em: <https://fabiananobresauade.wixsite.com/portfolio-ufrgs-pt/caixa-de-afeccoes>. Acesso em: 30 set. 2020.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Claudio Martins. **Bourdieu & a Educação**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SALATA, André. Ensino Superior no Brasil das últimas décadas: redução nas desigualdades de acesso? **Tempo Social**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 219-253, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-20702018000200219&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 16 set. 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Corpos, conhecimentos e corazonar. In: _____. **O fim do império cognitivo:** a afirmação das epistemologias do Sul. Coimbra: Almedina, 2018. p. 157-83.

SANTOS, Cláudio Wilson dos; MORORÓ, Leila Pio. O desenvolvimento das licenciaturas no Brasil. **Revista Histedbr On-line**, Campinas, v. 19, p. 01-19, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8652339>. Acesso em: 16 set. 2020.

SOARES, Tathiana Santos; SANTOS, Andréia Bispo dos. A disciplina de “fundamentos sociológicos da educação” na formação do (a) pedagogo (a). In: Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional, 11., 2018, Aracaju. **Anais...** Aracaju, v. 11, n. 1, p. 01-10, 2018. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/enfope/article/view/8843>. Acesso em: 17 set. 2020.

YUS, Rafael. **Educação Integral:** uma educação holística para o século XXI. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Recebido em 01 de outubro de 2020.

Aceito em 13 de outubro de 2021.